

«FUNDIFRAN: 50 ANOS DE LUTA E RESISTÊNCIA EM DEFESA DO
DIREITO À TERRA, ÁGUA E EMANCIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS CAMPONESAS».

A LENDA DO CARA DE CARRANCA



Cléber Edução

2022

Cléber Eduão Ferreira

A LENDA DO CARA DE CARRANCA

BAHIA
Edição do Autor
2022

FICHA TÉCNICA:

FUNDIFRAN - Fundação de Desenvolvimento Integrado do São Francisco

Rua Alcebíades Quinteiro, 432 - Centro - CEP: 47.520-000, Ibotirama - BA.

fundifran50anos@gmail.com | fundifran.wixsite.com/fundifran

Diretoria:

Clidenor José dos Santos (Diretor-Presidente)

Taciana de Oliveira Carvalho de Araújo (Diretora Financeira)

Dermeval Gervásio de Oliveira (Diretor Operacional)

Coordenação/Organização:

Cléber Eduão Ferreira

Editoração/Diagramação:

Janjão

Arte da Capa:

Pita Paiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ferreira, Cléber Eduão

A Lenda do Cara de Carranca / Cléber Eduão. -- São Gabriel, BA : Fundação de Desenvolvimento Integrado do São Francisco - FUNDIFRAN, 2022 (Coleção 50 anos FUNDIFRAN, Volume 4).

ISBN: 978-65-00-35644-1

1. Poesia brasileira I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura Brasileira 869.91

A LENDA DO CARA DE CARRANCA

Cléber Eduão

É sabido pelo povo
Das margens do São Francisco
Que o rio tem seus mistérios
É sagaz feito Corisco
Que esconde em suas barrancas
Os segredos das carrancas
É melhor temer o risco.

No tempo de antigamente
Pescadores da ribeira
Entalhavam em seus barcos
Esculturas de madeira
Pra espantar o mau-olhado;
Até o ladrão abusado
Era expulso na carreira.

O barqueiro Zé do Rio
Ferrenho trabalhador
Além de ser carranqueiro
Foi um exímio pescador
Respeitava a piracema
Não gostava de esquema
De malandro ou malfeitor.



Desde quando pequenino
O estimado Zé do Rio
Aprendeu fazer carranca
Com dedicação e brio
Com os restos de madeira
Sua arte barranqueira
Sempre achava um elogio.

Não cortava um jatobá
Nem mesmo um pé de jurema
“Cuidar bem da natureza”
Era o mote do seu lema
Por ali diariamente
Expulsava o delinquente
Que causasse algum problema.

Zé do Rio fazia arte
Com um caprichado zelo
Esculpia uma carranca
Com olhos, boca e cabelo
Colocava assim na proa
Numa barçaça ou canoa
Pra espantar o pesadelo.

O barco do pescador
Enfeitava esses beirais
Por ser limpo e areado
Tinha lá os seus rivais;
Zé trabalhava de dia
E ao voltar da pescaria
À noite estava no cais.

Certo dia no barranco
Chegaram três pescadores
Vindos lá de outras bandas
Pra realizar horrores
Desmataram um terreno
Pegaram peixe pequeno
Queimaram plantas e flores.

Zé observou a cena
Ao passar com sua barca
Disse assim: — quem são vocês?
Quem comanda essa fuzarca?
Eu vou chamar a polícia
E espalhar a notícia
Para toda essa comarca.

— O meu nome é Carabina
Eu que organizei a farra
Convidei meus dois amigos
Jó Defeito e Gambiarra
Aqui tem peixe, cachaça
Tem até carne de caça
Brincadeira e algazarra.

— Aceita tomar uma pinga
Ou uma cerveja Brama?
Pois desse canto não fujo
Não me venha com esse drama;
Senão quiser, sai daqui
Ou eu viro uma sucuri
E te jogo nessa lama.

Ao ouvir o desaforo
Zé do Rio não disse nada
Apenas pegou seu barco
E seguiu sua jornada
Mas ficou bem preocupado
Com o grupelho malvado
Perto da sua morada.

Não demorou uma hora
Apareceu um soldado
Que recebeu a denúncia
Desse grupo alcoolizado
Que aportou lá no cais
Com mil gritos e punhais
Assuntando o povoado.

Ao entrar no camburão
O perverso Carabina
Olhou pra beira do rio
Para a rua e a esquina
Procurando o causador
Desse triste dissabor
Que motivou sua ruína.

Mas os três arruaceiros
Logo foram liberados
E voltaram para o rio
Um tanto despreocupados
Eles pagaram a fiança
E almejavam vingança
Bradando palavreados.

Questionou o Carabina:
— Que me mandou pra prisão?
No dia que descobri
Vou queimar a embarcação
Escute bem o que digo
Esse vai correr perigo
E levar um pescoção.

— Quem souber é bom falar
Senão o trem vai feder
Quem mexe com Carabina
Merece mesmo é sofrer
Tenho aqui no meu caderno
Os que foram pro inferno
Quiseram pagar para ver.

De repente lá no cais
Aporta um barco bonito
Com uma carranca na proa
E na madeira escrito:
“Recanto de Zé do Rio
O Velho Chico é gentio
Com quem sabe ouvir seu grito”.

Ao ver Zé do Rio chegar
Indagou o Jó Defeito:
— Gambiarra e Carabina
Vejam lá, é o sujeito
Que nos viu no outro dia
Que tamanha ousadia
Voltar aqui desse jeito.

— Vingaremos desse homem
Com toda a nossa ruindade
Zé do Rio é dedo duro
Mas nunca viu crueldade
Esse cais vai sacudir
O seu barco vai ruir
Não teremos piedade.

Apesar de ter a fama
De ser ambientalista
O pescador Zé do Rio
Sempre foi um pacifista
Não alimentava o ódio
E o intrigante episódio
Foi obra de um outro artista.



Sem demonstrar aflição
Em dia de pouco vento
O Zé do Rio foi pescar
Pra arejar o pensamento
Foi remando até a ilha
Nem sabia da armadilha
Daquele trio rabugento.

O larápio Carabina
Não queria nem saber
Na tocaia a noite inteira
E até o alvorecer
Procurava o Zé do Rio
Para acender o pavio
E mostrar o seu poder.

Enquanto o Zé não chegava
Gambiarra e Carabina
Afundavam muitos barcos
E comandavam a rapina
Ao mesmo tempo o suspeito
Chamado de Jó Defeito
Espreitava da esquina.

Derrubaram pés de manga
Desmancharam até canteiro
Canoas, redes, tarrafas
Espalharam no terreiro
De repente uma embarcação
Surge em meio à confusão
Numa rede o beiradeiro.

O barco do pescador
Boiava tranquilamente
Em noite de lua cheia
Num setembro muito quente
No ritmo da calmaria
O Zé do Rio só dormia
Aos sons da água corrente.

Sem perceber a presença
Do terceto desordeiro
Que flutuou lentamente
Ao barco do beiradeiro
Jó Defeito com um porrete
Gambiarra com estilete
E Carabina com um isqueiro.

Antes mesmo de entender
Aquela situação
Zé do Rio levou um golpe
E nem houve discussão
Ficou ali desmaiado
E o grupo descarado
Finalizou o arrastão.

Disse assim o Carabina:
— Peguem tudo, sem temer
Peixes, tralhas, artesanatos
Que depois vamos vender
Ao final, pulem no rio
Que vou acender o pavio
Quero ver o Zé sofrer.

— Não queime o barco, patrão
Reclamou o Gambiarra
— Se esse pescador sumir
Vai acabar nossa farra
A vingança foi cumprida
Deixe esse homem com vida
Não faça uma coisa bizarra.

Carabina ouviu o amigo
E chamou o Jó Dfeito
Amarraram o Zé do Rio
Pra completar o malfeito
Ali naquela barranca
Levaram até a carranca
Da barçaça do sujeito.

O barco do pescador
Ficou todo destroçado
Cheio de furos no casco
Pelo rio abandonado
Como a ajuda não chegou
A correnteza o levou
Com o Zé desacordado.

No outro dia bem cedo
Foi aquele rebuliço
As pessoas da cidade
Deram conta do sumiço
Mas só acharam a barçaça
Que parecia carçaça
Perto do alagadiço.

Todas as autoridades
E os amigos pescadores
Procuraram o Zé do Rio
E os terríveis agressores
Mas não viram nem o vulto
O delito estava oculto
Em meio a tantos horrores.

Uns achavam que o rio
Havia agido com brabeza
Outros diziam nas ruas:
“Se perdeu na correnteza”
Ninguém nunca soube ao certo
O mistério foi coberto
Pelas mãos da natureza.

Alguns anos se passaram
Nas margens do velho rio
As pessoas nem lembravam
Daquele tempo sombrio
Os bandidos valentões
Continuavam uns brigões
E ainda andavam em trio.

Certa vez o Jó Defeito
O que levou a carranca
Estava sozinho em casa
Cozinhando uma pelanca
Depois da janta comido
Deitou-se descontraído
Quando ouviu uma voz franca:

— Eu sei o que você fez
Pelas bandas da ribeira
Não precisa se esconder
Nem achar que é brincadeira
Vim buscar minha carranca
Ou eu pego uma alavanca
E destruo essa banheira.

Jó Defeito ficou mudo
Tremendo feito criança
Escondido na dispensa
Alimentando a lembrança
Mas ao sair para fora
A visagem sem demora
Acordou a vizinhança.

Levou a bela carranca
Que estava no salão
Deixou o povo assustado
E correu na escuridão
Depois desse acontecido
Jó Defeito, prevenido
Se mudou da região.

Outro dia, o Gambiarra
Pescando lá nos beirais
Um lugar bem afastado
Das embarcações do cais
Quando sente uns repuxões
E uns rugidos de trovões
Nem um pouco cordiais.

Um ser todo enlameado
Com o rosto de carranca
Surgia em meio ao remanso
Bem nas margens da barranca
Com uma gigante bocarra
Que o bravo Gambiarra
Ficou com a pele branca.

O afamado Gambiarra
Saiu dali na carreira
Nunca mais foi encontrado
Nem no cais e nem na feira
Na caatinga se embrenhou
E jamais ele aportou
Nos terrenos da ribeira.

Esses fatos esquisitos
Se espalharam bem ligeiro
Que o feroz Carabina
Começou ficar cabreiro
Afinal, ele era o chefe
O bandido mequetrefe
Que perseguiu o Carranqueiro.

Em noite de lua cheia
Carabina foi pescar
Ajeitou sua canoa
E começou a remar
Parou no meio do rio
Quando sente um rodopio
E a água balançar.

Ele arregalou os olhos
Segurou firme no remo
Pensou ser o Nego D'água
Ou talvez o próprio demo
Mas depois respirou fundo
E pediu por um segundo
Uma ajuda ao Ser Supremo:

— Oh meu Deus, acode aqui
Tenha dó desse ladrão
Se o Senhor me perdoar
Vou virar um cidadão.
Em minutos fecha o céu
Misturado a um escarcéu
De grito, choro e trovão.

O indigno Carabina
Soltou a sua caneca
Pegou um velho lençol
E escondeu a careca
Mas uma voz enfurecida
Bem sinistra, enrouquecida
O fez mijar na cueca.

E o som vindo das águas
Dizia frases assim:
— Eu sou o Cara de Carranca
Você se lembra de mim?
Sempre fui um pescador
Mas você me causou dor
E me fez ficar assim.

A essa altura do papo
Carabina já sabia
Que o Cara de Carranca
Ele já o conhecia
Era o honrado Zé do Rio
O carranqueiro bravio
Vítima de uma covardia.

Com apenas um sopapo
A canoa afundou
Carabina pulou fora
Rapidamente nadou
Até a beira do cais
Depois disso, nunca mais
Na ribeira navegou.

Nas margens do Velho Chico
Vez em quando aparece
O tal Cara de Carranca
Logo após que escurece
Para assombrar malfeitores
Toda espécie de agressores
E quem no mal permanece.

Cléber Eduão Ferreira nasceu em São Gabriel, Bahia, em 30/10/1978, pai de Miguel, filho de Valmir Eduão Ferreira e Lindinalva Laurentina Ferreira. É membro do Coletivo Balaio de Gente. É poeta, compositor, produtor cultural e educador, com graduação em Pedagogia (UNEB), Especialização e Mestrado em Educação do Campo (UFRB). Organizou a pesquisa e publicação da Antologia dos Poetas Cordelistas do Velho Chico 1^a, 2^a e 3^a edições (2012, 2021 e 2022); Participou da Coletânea “Baú do Medo – Cordéis de Terror e Suspense” da Nordestina Editora (2019); Organizou em parceria com Zeca Pereira a Nova Antologia de Cordelistas Baianos (2021); Participou da Antologia Bardos Baianos do Território Velho Chico – Editora Cogito (2021); Gravou os CDs: Nosso Canto (2008); Coletânea “Cléber Eduão & Parceiros” (2012); Batente (2016); Balaio de Forró (2019) e produziu em parceria com Welton Gabriel o álbum Balaio de Gente para Crianças (2021). Cléber é idealizador e coordenador do Projeto “Encantos da Bacia – uma síntese musical do Vale do São Francisco”. Recentemente foi selecionado para o Prêmio Nacional Grão de Música 2021.

#VIRE
CARRANCA



REALIZAÇÃO:

50 Anos
FUNDIFRAN

Apoio:

AGÊNCIA
**peixe
VIVO**
Agência de Bacia Hidrográfica

CBHSF
COMITÊ DA BACIA HIDROGRÁFICA
DO RIO SÃO FRANCISCO
CÂMARA CONSULTIVA REGIONAL
PÉLO SÃO FRANCISCO